

## ALIMENTAÇÃO DE BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS EM CONTEXTOS COLETIVOS: MEDIADORES, INTERAÇÕES E PROGRAMAÇÕES EM EDUCAÇÃO INFANTIL\*

### *FEEDING INFANTS AND TODDLERS IN CRÈCHES: MEDIATORS. INTERACTIONS AND PROGRAMS IN EARLY CHILD EDUCATION*

Marlene E. M. Amaral<sup>1</sup>

Viviane Morelli<sup>2</sup>

Rosa V. Pantoni<sup>3</sup>

Maria Clotilde Rossetti-Ferreira<sup>4</sup>

AMARAL, M. F. M.; MORELLI, V.; PANTONI, R. V.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. Alimentação de Bebês e Crianças Pequenas em Contextos Coletivos: Mediadores, Interações e Programações em Educação infantil. Rev. Bras. Cresc. Desenv. Human., São Paulo, 6 (1/2), 1996.

**Resumo:** O presente artigo discute aspectos envolvidos no trabalho da creche para desenvolver o processo de aquisição de novos hábitos alimentares, tanto no momento em que o bebe começa a frequentar a creche, como no decorrer de seu desenvolvimento nela. Neste, a busca de cooperação entre creche e família é enfatizada como eixo fundamental para que a iniciativa seja bem sucedida. Partindo de uma reflexão sobre o alimento como construção social e simbólica, contrapõe-se a idéia do que seria uma dieta equilibrada e balanceada e qual seria sua função no desenvolvimento da criança. A apresentação tem por base a experiência prática acumulada pelas educadoras e técnicos da Creche Carochinha nestes últimos anos e uma pesquisa recentemente realizada pelo Centro de investigação sobre Desenvolvimento e Educação infantil (CINDEDI) com o objetivo de registrar e analisar os processos de adaptação de bebês, seus familiares e as educadoras, durante os primeiros meses de frequência à Creche Carochinha. São apresentadas as diretrizes que orientam nosso trabalho nessa área, enfatizando o respeito devido à criança enquanto sujeito ativo neste processo de aquisição. Alguns elementos norteadores para a elaboração do cardápio são discutidos, discriminando procedimentos e etapas seguidas na introdução de modificações, particularmente quando estas coincidem com o período de integração da criança e da família à creche. São referidas algumas situações que requerem procedimentos específicos. Como conclusão, são feitos alguns comentários sobre a formação do educador, questão básica quando se quer garantir uma educação de qualidade.

**Palavras-chave:** desenvolvimento de hábitos alimentares em creche, alimentação coletiva de bebês, programações e alimentação em creche.

\* Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada no "Seminário Comemorativo dos 10 Anos do Programa Creche do Curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Medicina da USP", coordenado pela Profa. Dra. Maria Angela Bittar, São Paulo, Novembro de 1995.

1 Auxiliar de Enfennagem da Creche Carochinha - COSEAS/USP - Ribeirão Preto.

2 Técnica em Nutrição e Dietética da Creche Carochinha - COSEAS/USP - Ribeirão Preto.

3 Psicóloga da Creche Carochinha - COSEAS/USP - Ribeirão Preto.

4 Profa. Tit. da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Depto. de Psicologia da Universidade de São Paulo. End.: Av. Bandeirantes, 3900 - Ribeirão Preto - S.P. CEP: 14040-900 Fone: (016) 633-1010 r. 374/491 – Fax: (016) 623-2792.

## INTRODUÇÃO

O cuidado e educação de bebês em ambientes coletivos, em regime de tempo integral, constitui um fenômeno relativamente novo em nossa sociedade. Nos últimos vinte anos tem havido um número crescente de experiências e estudos sobre a organização de um ambiente coletivo adequado às necessidades da criança nos primeiros anos de vida, que possibilite uma boa integração entre a família e as educadoras responsáveis pela criança e que favoreça um desenvolvimento harmonioso da criança em seu grupo de convivência na creche. A Creche Carochinha-COSEAS-USP, no Campus de Ribeirão Preto, e o Centro de Investigação sobre Desenvolvimento e Educação Infantil (CINDEDI) têm participado conjuntamente de algumas dessas investigações e experiências, com o objetivo de fornecer subsídios para uma organização do espaço físico da creche e do planejamento pedagógico que, sistematizados, promovam melhores condições para o desenvolvimento integral da criança. Têm procurado também contribuir para o trabalho de formação do educador; agente fundamental do processo educativo (ROSSETTI-FERREIRA et al., 1991; OLIVEIRA et al., 1992, VITORIA & ROSSETTI-FERREIRA, 1993).

Este artigo tem por base a experiência prática acumulada pelas educadoras e técnicos da Creche Carochinha nestes últimos anos e uma pesquisa recentemente realizada pelo Centro de Investigação sobre Desenvolvimento e Educação Infantil (CINDEDI) com o objetivo de registrar e analisar os processos de adaptação de bebês, seus familiares e as educadoras, durante os primeiros meses de frequência à Creche Carochinha<sup>5</sup> (ROSSETTI-FERREIRA et al., 1994).

Pretendemos trazer alguma contribuição para uma discussão sobre como a creche e a família podem trabalhar conjuntamente de forma a favorecer o processo de aquisição de novos hábitos alimentares, tanto no momento que o bebê começa a frequentar a creche, como no decorrer do seu desenvolvimento nela.

Faz-se necessário ressaltar que a importância deste trabalho foi estimulada inicialmente pela nutricionista Iara Mattos, Diretora da Divisão de Creches da Coordenadoria de Assistência Social (COSEAS) - USP, ao introduzir em algumas creches dessa Universidade e particularmente na Creche Carochinha, uma maneira inovadora e

original de encarar a introdução de hábitos alimentares na educação coletiva de crianças pequenas em instituições tipo creche.

A partir de uma reflexão sobre o alimento como construção social e simbólica, procuraremos analisar o que seria uma dieta equilibrada e balanceada e qual seria sua função no desenvolvimento da criança. Apresentaremos as diretrizes que orientam nosso trabalho nessa área, enfatizando a importância do envolvimento da família e do respeito devido à criança enquanto sujeito ativo do processo de aquisição de hábitos alimentares. Discutiremos alguns elementos norteadores para elaboração do cardápio, discriminando procedimentos e etapas seguidas na introdução de modificações, particularmente quando essas coincidam com o período de integração da criança e da família à creche. Serão referidas algumas situações especiais que requerem procedimentos específicos. Para concluir, teceremos alguns comentários sobre a formação do educador, questão básica quando se quer garantir uma educação de qualidade, como também apresentaremos algumas estratégias que vêm sendo utilizadas, pela instituição referida, visando articular dentro da proposta pedagógica as ações vinculadas à alimentação.

A Creche Carochinha existe há dez anos e conta com uma clientela que envolve famílias com vínculo de trabalho com a Universidade, constituída por funcionários (70%), docentes (15%), estudantes de graduação e pós (5%). Nesse período, a direção da creche tem conseguido elaborar o papel social e pedagógico dessa instituição. Concebida como local complementar ao cuidado da família com quem compartilha a responsabilidade de educação da criança, ela oferece um contexto coletivo especialmente planejado para promover o desenvolvimento infantil. Organiza-se enquanto um espaço onde as interações das crianças são favorecidas, tanto com os adultos como com as outras crianças, compreendendo a necessidade de que o processo de integração ocorra de forma mais adequada possível tanto para a criança como para sua família. Na fase do ingresso das crianças, a creche prepara-se de forma a promover o conhecimento e a confiança mútua, favorecendo assim a integração e o estabelecimento de vínculos entre estas e as educadoras. Para isso programa cuidadosamente o ingresso das crianças e respectivas famílias à creche. Inicialmente é realizada uma reunião com todas as famílias para se discutir o processo de adaptação e agendar as

5 ROSSETTI-FERREIRA, M. C. Processos de Adaptação de Bebês à Creche Ribeirão Preto, 1994. [Projeto de Pesquisa - Centro Brasileiro de Investigações sobre Desenvolvimento e Educação infantil (CINDEDI). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP.]

entrevistas de matrícula. Nestas, busca-se inúmeras informações quanto à história da criança no que se refere à saúde, hábitos alimentares, relação com outras crianças e adultos e comportamentos em geral (como dorme, como se alimenta, reações de medo, estranhamentos etc). Esses dados são fundamentais para evitar alterações bruscas na rotina da criança. O ingresso é feito progressivamente, duas crianças por semana em cada turma, cada criança iniciando em um período do dia, o que dá às educadoras uma maior disponibilidade no atendimento ao bebê e sua família. No período de uma a duas semanas é solicitado que algum dos familiares permaneça com a criança na creche. O tempo de permanência do bebê vai aumentando progressivamente, a medida que diminui o tempo de permanência do familiar, até o bebê ficar tranqüilamente o período integral (a chegada à creche dá-se entre 7:20 e 8:30 hs e a saída entre 16:30 e 17:30 hs.).

A pesquisa em que se baseia este artigo acompanhou 26 bebês (faixa etária de 4 meses a 1 ano e 5 meses), que começaram gradualmente a frequentar a creche em março-abril de 1994. Os dados foram coletados através de entrevistas, fichas diárias de frequência, de estado de saúde, registros de intercorrências médicas e observações da criança, durante o primeiro ano de frequência na instituição, envolvendo para tal as educadoras e respectivas famílias.

## O ALIMENTO COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

O homem, diferentemente de outros animais, não ingere alimentos apenas para saciar suas necessidades fisiológicas. Além da sensação de satisfação obtida pela saciação da fome, o comer supre outras necessidades advindas das significações sociais que cada indivíduo vivencia em seu grupo social.

Dessa forma, o comer também constitui no homem uma atividade simbólica, mediada tanto por fatores socioeconômicos, quanto culturais e psicológicos. Assim sendo, está permeado por diferentes valores e significados, dos quais os indivíduos vão se apropriando ao longo do seu desenvolvimento.

Na literatura leiga há referências frequentes ao papel do alimento como representante de inúmeras gratificações e, associado a isto, a idéia deste como elemento simbolizador de afeto. É bastante freqüente em nossa sociedade o presentear

doces e outras guloseimas a pessoas queridas (bombom no dia dos namorados e das mães, o chocolate "surpresa" dado à criança na entrada ou saída da creche etc). Sem falar da grande importância que a refeição adquire nas comemorações religiosas (o almoço da Páscoa, a Ceia de Natal etc). Podemos ainda observar o quanto é importante a presença de alimentos em jantares de negócios, banquetes de casamento, visitas etc.

Já do ponto de vista político-econômico, podemos dizer que o alimento é freqüentemente usado, em nossa sociedade, como forma de influência e domínio. Não são raras as situações onde é utilizado para obter votos ou manter a tradição de políticas fisiológicas, sendo um elemento importante que contribui para a manutenção das disparidades entre as diferentes classes sociais. Sendo assim, o alimento acaba por adquirir um poder de demarcar diferentes espaços ("status") para as diferentes camadas sociais.

Diante dessas considerações, o alimento deixa de ter apenas a finalidade de suprir as necessidades nutricionais, para tornar-se uma mercadoria de consumo. E, como tal, gera um investimento maciço, por parte da mídia em geral, com o objetivo de propagar os chamados alimentos "mais adequados" ou associar determinados alimentos a este ou aquele padrão de consumo. Parafraseando um famoso comercial de jeans, podemos dizer que: "*o mundo trata melhor quem come 'bem'*".

Este padrão dito mais adequado entretanto nem sempre preconiza dietas apropriadas do ponto de vista nutricional. Em termos nutricionais podemos definir como adequada uma dieta equilibrada e balanceada que supre as necessidades fundamentais para a manutenção e preservação da vida. Segundo Mattos<sup>6</sup>, para cumprir estes objetivos a alimentação precisaria cumprir algumas leis propostas pela Ciência da Nutrição:

Lei da Quantidade: deve cobrir às exigências energéticas do corpo e manter seu equilíbrio.

Lei da Qualidade: deve ser completa, contendo os nutrientes necessários a cada indivíduo e permitir um bom funcionamento do metabolismo.

Lei da Harmonia: os nutrientes que a compõem devem guardar entre si relação de proporção e de harmonia em relação à consistência e à cor.

Lei da Adequação: precisa assegurar o perfeito crescimento e desenvolvimento, ou seja, adequar-se às necessidades de cada faixa etária e ao estado de saúde.

Com base nessas colocações podemos refletir que apesar da diversidade de hábitos

6 MATTOS, I. Contexto da alimentação na história do homem. São Paulo, COSEAS/USP. 1994. [Trabalho não publicado].

alimentares nas diferentes culturas, é possível definir uma certa regularidade nos elementos que compõem o conceito de dieta adequada. Pode-se e deve-se observar e respeitar as diferenças no que se refere às receitas e pratos típicos que compõem o cardápio de cada grupo social. as formas de manusear e preparar os alimentos, de se comportar durante as refeições etc. Todavia, do ponto de vista biológico, é importante considerarmos os conhecimentos da Nutrição, da Fisiologia e de outras ciências, quando nos propomos a realizar uma definição de dieta adequada.

Retomando a questão dos alimentos como mercadoria de consumo, podemos perceber que muitas das representações prevalentes em nossa sociedade no que diz respeito aos alimentos ou ao papel da alimentação na vida das crianças, distanciam-se muito dessa definição. Um exemplo disso é pontuado por WOISKI (1988, pg. 107): “a ilusão do aumento de peso como sinal de saúde leva freqüentemente ao hábito de aumentar as concentrações de hidratos de carbono (sendo mais popularmente utilizado o açúcar refinado), desenvolvendo maus hábitos alimentares que se prolongam por toda vida”.

Associada a essa idéia positiva de aumento de peso, percebemos como prevalente a representação da “boa mãe” como sendo aquela que possui leite em abundância para oferecer ao filho, estabelecendo-se no imaginário a seguinte relação: bebê saudável equivale a bebê gordinho (fofinho). Isso pode ser verificado em um trecho de entrevista com uma das mães do grupo pesquisado:

*“Eu tenho uma preocupação assim muito grande em relação à comida, eu tenho porque ela magrinha ... come pouco... então eu me preocupo demais, quando eu vejo a criança gorda. forte.. então eu já não tenho uma preocupação de alimentação: agora como ela não é... então fico super preocupada”* (S, mãe de X, 9 meses, 28.04.94).

Podemos perceber que, em nossa sociedade esse ponto é muito explorado pela mídia. Inúmeras propagandas (de leites, iogurtes etc) associam bebês gordinhos com frases que indicam bons cuidados. Muitas delas centralizam o discurso em aspectos relacionados aos sentimentos de culpa vivenciados pelos pais em situações de alimentação, reforçando o embate criança versus adulto. Um exemplo sutil desse embate pode ser observado em cenas onde a ação da criança, ao burlar uma determinada combinação (por exemplo mudar um prato de arroz e feijão por um prato de batata frita) transmite a tão difundida idéia de levar vantagem.

Esse contexto reforça o sentimento de fracasso (embora pouco externalizado socialmente) que muitas mulheres vivenciam quando não conseguem amamentar ou quando possuem um filho de estrutura longilínea (maior altura que ganho de peso).

Partindo dessas considerações, o presente artigo visa trazer algumas contribuições no que se refere à introdução de hábitos alimentares de crianças de 0 a 6 anos que freqüentam instituições de cuidado e educação coletiva em tempo integral.

O principal pressuposto que orienta essa reflexão é o de que uma orientação dietética adequada, desde o início da vida, é de suma importância para o desenvolvimento saudável do indivíduo, e portanto para sua sobrevivência em boas condições de saúde, como para a formação de bons hábitos alimentares. A não ocorrência de procedimentos adequados durante este período torna esta última tarefa difícil em idades posteriores. A prática educativa tem mostrado, por exemplo, que crianças com 4 anos de idade, que já constituíram o hábito de comer apenas arroz e feijão no almoço e/ou jantar, apresentam dificuldades para incorporar legumes ou verduras às suas refeições.

## PRINCIPAIS DIRETRIZES QUE ORIENTAM NOSSO TRABALHO

1. Além da preocupação com relação ao oferecimento de dietas adequadas do ponto de vista nutricional, o trabalho realizado junto às crianças tem também incorporado conhecimentos advindos da Fisiologia e da Fonoaudiologia. Assim, tem-se também a preocupação com o desenvolvimento adequado das funções neurovegetativas: respiração, sucção mastigação e coordenação dos órgãos fonoarticulatórios (lingual, lábios, bochecha e palato), dado que o desenvolvimento dessas funções tem grande importância para o desenvolvimento da fala, e conseqüentemente, socialização da criança.

## 2. O respeito à criança enquanto ser ativo no processo de aquisição de conhecimento

Com base na concepção sócio-interacionista construtivista de desenvolvimento, sabemos que o desenvolvimento humano ocorre nas e através das inúmeras interações que a criança estabelece, desde muito pequena, com o meio físico e social (ou seja, com os objetos, espaços, adultos e crianças, com os quais convivem), agindo ativamente na construção de seus conhecimentos.

tos. (OLIVEIRA, et al., 1992). Segundo as autoras, essa atitude ativa faz com que, ao mesmo tempo, a criança modifique o meio físico e social e seja modificada por ele.

Nesse sentido entendemos que, com relação à alimentação, o trabalho da instituição também deve ser o de incentivar procedimentos que favoreçam níveis cada vez maiores de autonomia da criança, no que se refere ao processo de apropriação de hábitos alimentares. Ou seja, que ao longo desse processo, a criança possa ir definindo o ritmo e a velocidade com que deseja comer, tendo acesso a um repertório variado de alimentos, para que, gradativamente, possa reconhecer suas preferências, escolhendo inclusive perto de quem deseja realizar suas refeições etc.

### 3. Realização de um trabalho compartilhado com a família

Com base então na concepção acima mencionada e considerando o desenvolvimento global da criança, temos a preocupação de realizar ações que possam ser compartilhadas com o núcleo familiar, procurando organizar estratégias que possibilitem socializar conhecimentos e refletir conjuntamente com as famílias a respeito dos procedimentos que a creche se propõe a realizar.

Entendemos que a creche ou outra instituição educativa deve realizar um trabalho complementar e compartilhado e não de substituição à família, pois ambas possuem responsabilidades e papéis específicos frente à educação e cuidado da criança.

### 4. Elementos norteadores para elaboração dos cardápios

O primeiro ponto a ser colocado refere-se à cobertura das necessidades nutricionais que deveriam ser supridas durante o período que a criança passa na creche. Considerando o tempo de permanência diário (cerca de 9 a 10 horas) e a capacidade de absorção do organismo no respectivo intervalo de tempo, na Creche Carochinha a elaboração do cardápio se propõe a suprir cerca de 70% das necessidades nutricionais diárias, sendo o restante de responsabilidade da família.

O segundo ponto refere-se à elaboração dos cardápios, conjuntamente com o planejamento e a organização das refeições. Além das considera-

ções realizadas anteriormente (leis da nutrição), são priorizados produtos que não contenham conservantes e aromatizantes artificiais, sendo feitas considerações especiais quanto à quantidade de sal, açúcar e óleo. Especialmente no momento de introdução de algum alimento novo, a prática de se evitar o uso de aromatizantes e conservantes tem como finalidade evitar-se uma avaliação equivocada no caso de ocorrência de reações alérgicas ou adversas relacionadas a essa introdução<sup>7</sup>.

### PROCEDIMENTOS DE INSERÇÃO DA CRIANÇA E DA FAMÍLIA À CRECHE E A OFERTA DE ALIMENTOS DURANTE O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO

Assim como a alimentação de forma geral, a introdução e/ou modificação de hábitos alimentares são ações bastante complexas, que envolvem aspectos políticos, econômicos e culturais, entre outros, cuja repercussão acarreta interrogações, questionamentos, desconfiança e muita ansiedade por parte das pessoas envolvidas no processo.

Várias mulheres sentem-se incompetentes quando seu filho se recusa a comer a refeição feita por elas com tanto carinho ou quando, por algum motivo, a criança apresenta reações adversas durante o período de introdução de algo novo.

Imaginemos então essas ações ocorrendo nos primeiros dias em que a criança e seus familiares freqüentam um ambiente novo e desconhecido (período de inserção na creche).

Um exemplo retirado de entrevista de uma mãe do grupo pesquisado (S, mãe de X, 9 meses, 08.05.94) pode ilustrar um pouco a situação de desconfiança frente à instituição durante este período:

*“Na... na nessa creche eles dão muita coisa diferente, e ela não está acostumada a comer muita coisa misturada.” “Para suprir assim... dela não comer na creche, chego em casa, eu faço a janta, tento dar alguma coisinha pra ela... se não comer dou uma frutinha ou uma vitamina, uma coisa assim.”*

Esse discurso revela o quanto essa mãe desconfia da aceitação do alimento oferecido à criança na creche e tenta oferecer-lhe o máximo

7 Essa linha de trabalho baseia-se também no fato de que, cada vez mais, um grande número de famílias que recorrem ao consumo de “fast food” (atualmente encontrado em abundância no mercado), em função da praticidade e rapidez de preparação e consumo dos mesmos. Esses alimentos geralmente contêm aromatizantes e conservantes. Nesse sentido, a creche, ao evitar sua utilização e, ao mesmo tempo oferecer um tipo de alimentação diferente, pode contribuir para que a criança tenha acesso a um repertório mais amplo e variado.

possível de refeições a fim de sentir-se segura. Assim como esta, muitas outras desconfiças e ansiedades aparecem durante as primeiras semanas em que a família frequenta a instituição: desconfia-se de que a criança não comeu, mesmo quando a educadora falou que comeu; desconfia-se de que o cardápio elaborado e à disposição dos familiares não é igual ao oferecido, duvida-se das quantidades ingeridas, da forma de oferecimento etc. Para contornar essa desconfiça, o planejamento e a organização relacionados aos processos de introdução e ou a modificação de hábitos alimentares precisam ser efetuados de forma muito cautelosa durante o período de adaptação, pois as ações realizadas acabam por interferir intensamente tanto na rotina familiar, como nas representações das famílias acerca da alimentação e do papel da creche neste processo.

A primeira etapa da realização dessas ações ocorre por ocasião da matrícula da criança onde, através de um roteiro detalhado de entrevista semiestruturada, são investigados seus hábitos alimentares: horários, quantidades, alimentos de maior ou menor aceitação, formas de oferecimento, local e participação da criança no momento da refeição etc.

Com base nesses dados a creche procura inicialmente oferecer o alimento da forma mais semelhante possível ao da família, seguindo seus horários, forma de oferecimento e produtos. Na medida do possível, gradativamente, são introduzidas as modificações necessárias, visando cumprir os objetivos expostos anteriormente (retirada de carboidratos, redução de alimentos que contêm corantes, aromatizantes e conservantes, diminuição de açúcar e do sal, modificações nos horários de oferecimento, na forma e velocidade da oferta etc).

Durante esse processo é feita a elaboração de um cardápio próprio adequado a cada idade, com introdução gradativa de ingredientes (que varia de 2 a 3 por vez) sendo ainda observados aspectos como: quantidade, consistência, reações pós-oferta, etc.). Se a criança está com aleitamento materno exclusivo nessa etapa, a introdução de alimentos complementares ocorre a partir de orientações pediátricas individuais, respeitando-se assim a idade em que o médico da criança avalia ser mais adequada para iniciar a complementação. De modo geral, temos observado que esta complementação tem sido iniciada entre o 4º e 6º mes de idade da criança.

Com relação às primeiras modificações referentes à consistência dos alimentos, com crianças de 4 meses a 1 ano e 6 meses, o trabalho realizado na creche sofre variações em função da adaptação da criança e da família ao novo

espaço e às novas pessoas, de orientações médicas e também em função de condições fisiológicas e de maturação dos órgãos responsáveis pela mastigação. Essas modificações podem ter início logo no segundo mes após o ingresso da criança na instituição ou demorar um pouco mais. Trata-se de um processo demorado, na medida em que se procura respeitar o ritmo de desenvolvimento de cada faixa etária e de cada criança individualmente.

Com relação ao adulto, que lida diretamente com as crianças, faz-se necessário considerar a influência de suas representações sociais nas ações e interações que estabelece com as crianças e famílias. Analisando aquelas representações que vinculam o doce ao afeto, podemos perceber que a grande maioria dos adultos vivenciam sentimentos de dó pelo fato das crianças estarem ingerindo alimentos com sabor natural, como o leite por exemplo, menos adoçados do que aqueles que ingerem em casa. Nas situações de diminuição do açúcar, os adultos muitas vezes não lidam de forma positiva, na medida em que a percepção dessa ação é tida como castigo ou punição, e não como algo bom, capaz de prevenir problemas e favorecer um desenvolvimento saudável.

É importante lembrar que existem no meio científico várias pesquisas sobre alimentação, revelando que a adição excessiva de açúcar, carboidratos, sal, condimentos, entre outros, relacionam-se diretamente com distúrbios orgânicos e doenças degenerativas do organismo. Assim procuramos, ao longo do período de permanência da criança na creche, retirar ou diminuir (em conjunto com as famílias) os hábitos de ingestão excessiva desses componentes. Um exemplo disso são os sucos, dentre os quais apenas os de teor mais azedo recebem a adição do açúcar (numa proporção de 3% do volume total). Outro exemplo é o leite. Se a criança está habituada a ingerir uma mamadeira com 2 colheres de açúcar, a creche passa a colocar uma e meia depois uma depois meia, até que finalmente a criança consiga ingerí-la sem açúcar.

Essas etapas vão ocorrendo gradativamente durante o período de adaptação. Nesse sentido, é importante lembrarmos que para algumas crianças o ingresso à creche coincide com o período de transição do leite materno para o leite de vaca. Assim, as orientações pediátricas de introdução do leite de vaca prevêm modificações como a diluição do leite em água, acrescida de 5 a 7% de açúcar. Esse procedimento tem como objetivo diminuir a quantidade de proteína do leite, concomitantemente ao aumento do suporte calórico, no sentido de aproximá-lo da composição do leite humano e torná-lo assim compatível com a capa-

cidade digestiva do bebê. Tais orientações são respeitadas e, gradativamente, vai-se negociando com a família; o pediatra e a criança, havendo modificações com o crescimento e desenvolvimento da criança.

Segundo MITCHELL et al (1978), a introdução de alimentos suplementares à lactação sofreu grandes mudanças nos últimos 30 anos. Antigamente se preconizava que esta introdução não deveria ocorrer antes do 1º ano de vida. Nas décadas de 70 e 80 chegou-se a procedimentos opostos, como, por exemplo, introduziu semi-sólidos já no primeiro mês de vida.

“A experiência aliada aos melhores instrumentos de nutrição vieram mostrar que a alimentação láctea exclusiva, prolongada até um ano de idade, não atendia a todas as exigências do organismo em desenvolvimento especialmente no que diz respeito às vitaminas e sais minerais” (WOISKI, 1988).

Através da literatura da área, pode-se observar que as idades mais adequadas para se realizar essas introduções seguem orientações diversas no que se refere aos vários tipos de alimentos e variam entre os diferentes autores. Porém todos concordam quanto à necessidade de se realizar uma introdução gradual de modo a “tatear” a tolerância individual e estar atento às condições fisiológicas de mastigação, digestão e absorção destes alimentos.

O fato da criança ter tido a oportunidade (ou não) de passar por um processo de aleitamento materno e a época de ocorrência do desmame também são fatores orientadores sobre a melhor época para realizar essas introduções.

A liquidação de papas, durante o processo de introdução de alimentação semi-sólida, não é recomendada, visto que uma consistência líquida pouco ajudará no processo de fortalecimento dos músculos faciais, dificultando assim, a emergência do padrão mastigatório. A princípio, então, as papas são peneiradas e, de acordo com o desenvolvimento dos primeiros esboços de mastigação e a erupção dos primeiros dentes (que ocorre em torno dos 6 meses), passam a ser amassadas e não mais peneiradas. Nessa fase, a alimentação com a colher vai se tornando cada vez mais facilitada, uma vez que já existe uma ação labial mais coordenada e desenvolvida, juntamente com uma melhor coordenação mãos-olhos.

É importante salientar que nesta fase a criança já tem condições de ter experimentado todos os ingredientes que compõem a alimentação do lactente (feculentos, carne, gema de ovo, caldo de feijão, leguminosas, folhas e cereais). Em torno dos 7/8 meses podem ser claramente observados alguns movimentos de mandíbula e

lingual que caracterizam uma atividade preparatória para a mastigação. Assim, embora ainda não tenha sido introduzida a alimentação sólida para a criança, é possível oferecer-lhe pedaços de pão e bolachas e/ou outros alimentos de consistência mais dura. “A criança leva este alimento para a parte lateral da boca e realiza uma série de movimentos: suga, abre e fecha as mandíbulas em movimento de protrusão, participando tanto do amolecimento como depois de retirado um pedaço, da lateralização do alimento. Dessa forma, ela estará sendo estimulada a ir preparando a mastigação de sólidos nas refeições.” (GOMES et al., 1991).

Neste período é possível também oferecer, entre outros alimentos, frutas amassadas ou raspadas (nas sobremesas e lanche). O treino dessas atividades vai levando a um progressivo aperfeiçoamento e o esboço do mastigatório sofre modificações. A papa, de amassada pode ser misturada com alimentos sólidos (“papa meio a meio”) e, progressivamente, aproximar-se do padrão alimentar do adulto, o que ocorre quando a criança está com aproximadamente 3 anos, segundo as autoras acima mencionadas.

A mudança no padrão mastigatório ocorre em função da modificação dos movimentos de inandíbula, que anteriormente eram apenas verticais e, posteriormente, tornam-se verticais e horizontais.

Durante a introdução dos alimentos semi-sólidos é importante estar atento à quantidade de alimento por colherada e a velocidade de oferta, procurando respeitar o ritmo individual de cada criança. Ao conceber a criança como ser ativo neste processo é possível estimular gradativamente maiores níveis de autonomia. Inicialmente, o educador lhe dá a refeição, estimulando-a aos poucos a participar, oferecendo-lhe outra colher concomitantemente à utilizada pelo adulto. Nesse momento, é possível permitir à criança explorar este objeto e aos poucos auxiliá-la em suas primeiras tentativas de levá-lo à boca, o que exige movimentos cada vez mais coordenados, estimulando assim um maior desenvolvimento psicomotor.

Pode-se observar que, por volta dos 2 anos, após todo esse processo, a criança já se apresenta apta a realizar esses movimentos autonomamente, determinando a quantidade e a velocidade de sua refeição. Nesse período é comum ela selecionar alguns alimentos. O educador assume então uma função importante de mediar a construção progressiva de um repertório alimentar mais amplo possível.

É importante lembrarmos que na creche todo esse processo está ocorrendo num ambiente

coletivo, onde a estruturação e organização do espaço físico e dos objetos, bem como das ações dos adultos precisam ser pensados de acordo com as necessidades dos diferentes grupos de crianças, geralmente de faixas etárias variadas, respeitando as diferenças individuais. Assim o educador tem um papel fundamental enquanto mediador e promotor desse desenvolvimento. As interações entre as crianças desempenham um papel importante. Interagindo com companheiros que se encontram em diferentes fases e níveis de desenvolvimento, e através da observação e imitação dos seus comportamentos, as crianças têm inúmeras oportunidades de construir novos conhecimentos, aprimorar suas habilidades e avançar em seu processo de desenvolvimento.

### **PROCEDIMENTOS COMPLEMENTARES QUE VISAM O DESENVOLVIMENTO DOS ÓRGÃOS FONO-ARTICULATÓRIOS**

Como já dito anteriormente, a introdução e/ou modificação de hábitos alimentares visa também um desenvolvimento adequado das funções neurovegetativas. Nesse sentido, além dos aspectos salientados como importantes durante a introdução de alimentos semi-sólidos e sólidos, a creche realiza outros procedimentos que auxiliam a maturação dos órgãos responsáveis pelas funções neurovegetativas.

Sabemos que a respiração inadequada ou bucal se instala por diversas causas como, adenóides aumentadas, rinites crônicas, sinusites, etc. muito presentes em nossa região (Município de Ribeirão Preto-SP) em função do clima e das queimadas de cana-de-açúcar. Ela pode surgir também em consequência de maus hábitos alimentares. Exercícios de estimulação respiratória podem estimular o desenvolvimento de um padrão correto de mastigação. Assim, para a realização de um trabalho preventivo, a creche oferece às crianças, desde muito pequenas, oportunidades para exercitarem esse padrão correto de respiração, oferecendo-lhes apitos, flautas e outros instrumentos (objetos de sopro), bem como oportunidades para fazerem bolhinhas com água e sabão, uso de canudos e outras atividades afins.

Outra função importante, particularmente em bebês, é a sucção, que é responsável pelo crescimento da mandíbula, pela sustentação do pescoço e pela estimulação da deglutição, mastigação

e fala, bem como pela promoção a maturação dos órgãos fonarticulatórios.

A amamentação natural é a forma mais adequada de desenvolver a sucção. Quando esta não ocorre, é importante oferecer às crianças estímulos semelhantes, ou seja, bicos de mamadeira com furos que imitem o fluxo de leite do seio materno<sup>8</sup>.

O uso das chupetas também precisa ser pensado. A maioria das existentes no mercado tem a auréola invertida, não mantendo contato com o lábio, o que interfere no bom desenvolvimento do padrão de sucção e deglutição. Inverter a auréola da chupeta constitui uma alternativa que temos sugerido e usado para superar esse problema.

Outro procedimento utilizado para desenvolver essas funções é a utilização de canecas com furinho "chup chup", que permitem que a criança aprenda a beber em goles, sendo intermediária entre a mamadeira e a caneca comum. Este tipo de caneca pode ser introduzida a partir dos 9 meses, época em que também é possível introduzir canudos, outra forma de estimular a sucção de maneira prazerosa e divertida, além de favorecer o desenvolvimento de postura mais adequada, ou seja, sentada.

O uso exagerado de chupetas, sucção de dedos, fluxo muito grande de leite na mamadeira, consistências inadequadas de papas, velocidade rápida de oferta, ingestão de quantidades exageradas de comida por colherada etc, são fatores que interferem na deglutição. É importante lembrar que esta, embora constitua um ato reflexo nos recém-nascidos, torna-se um padrão aprendido com o transcorrer dos meses. Outro aspecto importante a ser observado durante o desenvolvimento dessas funções, especialmente no período de transição de alimentos semi-sólidos para sólidos até o aperfeiçoamento do padrão mastigatório é o tamanho da colher. Sugerimos a de papa inicialmente (tamanho da colher de chá) e posteriormente a de sobremesa.

### **ALGUMAS SITUAÇÕES ESPECIAIS DURANTE O PROCESSO DE INTRODUÇÃO DE NOVOS HÁBITOS ALIMENTARES**

Nem sempre os procedimentos realizados pela creche coincidem com os hábitos alimentares das famílias que ingressam ou freqüentam a

8 Segundo orientações técnicas, os bicos mais adequados para isso são os ortodônticos, cujo gotejamento seja de 22 a 30 gotas/minuto, independente da consistência.

instituição, seja no que se refere ao tipo de alimento oferecido, à consistência, à forma de oferecimento etc. Nesse sentido, mesmo a creche acompanhando atentamente as ações realizadas durante esse processo, este não se faz sem conflitos, dificuldades, imprevistos.

Durante o processo de inserção das novas crianças e famílias, especialmente no primeiro ano de vida do bebê, essas diferenças são ainda mais delicadas, pois ainda não foi construído um vínculo de confiança entre creche e família. Além disso outras variáveis interferem, como por exemplo, a reação de estranhamento da criança aos novos educadores, ao novo ambiente, às novas preparações.

No dia a dia é possível observar inúmeras situações conflituosas que devem ser objeto de reflexão por parte da creche, no sentido de buscar estratégias que visem aproximar as famílias, explicitando o papel da creche, suas características específicas enquanto contexto de educação coletiva, e as limitações necessárias para o bom desenvolvimento do trabalho coletivo da mesma.

Tentaremos aqui, a partir da análise de alguns trechos de entrevistas com mães e educadoras do grupo estudado, ilustrar as sutilezas destas situações com alguns exemplos de variáveis que podem interferir neste processo.

**Situação 1** – algumas famílias, já conhecendo anteriormente o trabalho da creche, omitem ou falseiam informações durante a matrícula:

Fala da educadora: “... Hoje nós descobrimos que para X (criança)... o leite de soja.. ele é bem... com bastante açúcar... que na entrevista não foi passado isso. A mãe entrou em contradição na hora que ela foi experimentar, pôs a mão na boca e disse – **Ah! mas nao tem açúcar aí.** (negrito refere-se à fala da mãe). Continuando o trecho temos: – Mas na pasta não tem, ce não contou (fala da educadora). E a mãe responde: – **Ai eu litro contei? Não contei?** E a educadora continua: “Aí nós conheçamos a colocar açúcar... a partir de hoje já tomou uma mamadeira inteirinha.”

(Trechos extraídos de entrevista com educadora A, na primeira semana de frequência da criança X de 7 meses, na creche em 24.03.94).

Esse tipo de postura, por parte da família, pode ocorrer por vários motivos, mas o que nos parece mais plausível é um certo medo de que seu filho(a) não seja aceito na creche, ou deste não se adaptar por ter uma rotina alimentar diferente. Mesmo quando se deixa claro qual a função da entrevista e da adaptação, algumas famílias não se sentem seguras para compartilhar algumas informações. Somente aos poucos, convivendo com as educadoras durante o processo

de adaptação, estabelece-se o vínculo afetivo necessário para uma troca mais íntima e informações mais fidedignas.

**Situação 2** – Refere-se ao modo como o educador segura a criança ou o alimento durante a refeição e a sua interferência na aceitação:

“... mas nós temos o problema da MI, (criança de 8 meses) que ela não pode ver o teu rosto (no diálogo está se referindo ao momento da refeição), você cata no colo e deixa virada pro outro lado ela acalma e fica agora se ela te vê...”

“... tem uma posição prá ela tomar mamadeira em outra ela não toma.”

(Trechos extraídos de entrevista com educadora V. em 24.03.94)

Esses exemplos mostram o quanto a criança, durante o processo de adaptação, precisa habituar-se tanto com as características dos alimentos, por exemplo: cheiro, cor, sabor, consistência, como também com as características do educador: feição, voz, movimentos, enfim as várias ações que envolvem diretamente a interação com a criança. Em nossas observações essas reações foram mais evidentes nas crianças de faixa etária próxima aos 7 meses. Note-se que tanto pesquisadores como pediatras e outros profissionais que atendem crianças referem que, em torno dessa idade, as crianças tendem a reagir mais diante de estranhos, mostrando nítida preferência pelo conhecido, particularmente quando se encontram em situações novas, pouco familiares. ROSSETTI-FERREIRA (1984) faz uma discussão a respeito, em sua revisão sobre “O Apego e as reações da criança à separação da mãe”.

Pode-se dizer que durante esse processo o educador tem duas tarefas básicas: usar estratégias mais parecidas possível com as quais a criança está habituada, a fim de possibilitar segurança e a construção de um bom vínculo afetivo e, aos poucos, ir modificando-as em função da rotina da instituição, de suas características pessoais e das próprias necessidades da criança, que vão se alterando ao longo do tempo. Nesse processo, o vínculo construído entre educador e cada criança é único e segue urna trajetória singular.

**Situação 3** – Crianças com hábitos alimentares diferentes daqueles oferecidos na instituição:

“... Ela não tá acostuntada a comer muita coisa misturada. E eu já percebi que mesmo em casa que eu faço assim... coisa misturada ela não come... mas se eu cozinho legume separado arroz e feijão muita coisa separada da outra e ponho no prato aí ela come. Ela não gosta de misturar... Então a gente já conversou a X (técnica dietética da creche) vai passar a dar separado... Diz que ontem no almoço separado ela comeu melhor ...”

(Trecho extraído de entrevista com mãe de G, de 1 ano e 7 meses, no segundo mes de frequência à creche, 18.05.94)

Essa situação repete a busca constante por parte da instituição em procurar adequar-se inicialmente aos hábitos da criança, visando uma maior aceitação alimentar e o estabelecimento de um bom vínculo da família com a creche, para posteriormente inserir modificações. Entretanto, nem sempre é possível adequar alguns hábitos individuais com o trabalho desenvolvido para o coletivo, seja por questões de infraestrutura, seja pela própria concepção da instituição quanto às dietas adequadas ao desenvolvimento das crianças.

**Situação 4** – Quando a creche desconfia da informação da família

*“Ele fica muito bravo ...eu cheguei até a pensar... a achar que ele nunca tinha tomado mamadeira que ele até engolia o leite que escorria na boca mas ele se recusava a pegar a mamadeira. Ai eu tive um papo com ela (mãe), ela disse que não que tomava sim o leite naquele dia à tarde ele tomou uma mamadeira inteirinha com ela...”*

(Trecho extraído de entrevista com educadora Z, na primeira semana de frequência da criança L, de 4 meses, na creche, 24.03.94).

Essa situação retrata que durante o processo de construção de um vínculo de confiança entre as duas instituições, tanto as famílias como educadores estão aprendendo a se conhecerem uns aos outros e, nesse processo, aparecem desconfianças dos dois lados, que precisam ser averiguadas e trabalhadas. O que poderia acontecer, caso a educadora não tivesse tido a oportunidade de verificar, checar sua hipótese – de que a criança ainda não tinha tido contato com mamadeira? a educadora poderia julgar a mãe mentirosa, criando-se um desencontro e afastamento entre creche e família, com algum prejuízo para o bom desenvolvimento da criança. Isso vem reforçar a proposta desenvolvida na creche, quanto à importância da participação ativa das famílias no momento de ingresso da criança na creche. Nestas situações, elas têm oportunidade de verificar e observar a rotina, os procedimentos e ações realizadas pela creche e, por outro lado, a creche tem oportu-

nidade de apreender as formas variadas com que cada família educa e cuida dos seus filhos.

**Situação 5** – Diferenças quanto às formas de oferecimento dos alimentos realizadas pela família e pela creche:

*“... O comer (referindo-se ao comer da criança) é bem diet bem pouquinho... então eu tento assim... colocar comida assim forçosamente fico assim um espaço muito grande dando alimento na minha casa e forço mesmo... às vezes coisa que na creche acho que não pode não tenho autorização<sup>9</sup> para eu forçar se bem que na creche eu tenho observado que tá melhorando...”*

(Trecho extraído de entrevista com mãe de X, criança de 9 meses, no 2º mês de frequência à creche, 28.04.94).

**Situação 6** – Estado de humor da criança interferindo na aceitação dos alimentos:

*“... E quando ele fica nervoso não adianta ele não come ... ele faz.... então ele não come e dorme... ele fica que nem um ...”*

(Trecho extraído de entrevistas com as educadoras V. e M., com relação a criança R, de 1 ano e 2 meses, abril de 1994).

As situações em que a criança se recusa a comer sempre trazem ansiedade para pais e educadores, mesmo quando se consegue avaliar o motivo da ação da criança (como por exemplo: estados de humor – irritação, sonolência – ou quadro febril, ocorrência de alguma doença etc). Nesse sentido, a creche tem um papel importante de ajudá-los a controlarem sua ansiedade. Considerando que o desenvolvimento se dá nas e através das interações, podemos observar que uma postura mais ansiosa por parte do adulto no momento da refeição pode induzir ansiedade na criança e, às vezes, contribuir para que a ela continue a apresentar esse comportamento como forma de controle, de chamar sua atenção. Frequentemente é necessário instrumentalizar o educador, para que possa avaliar o desenvolvimento global de cada criança, ajudando-o a compreender os motivos que podem estar contribuindo para a falta de apetite da criança, esclarecendo que a ocorrência ocasional de um episódio destes é diferente de dias seguidos sem se alimentar. Ajudá-lo também a perceber que existem necessidades individuais de

9 Para uma adequada compreensão desse discurso é importante entender a rotina do berçário, que esta criança frequenta. No horário das 12h00min às 13h00min é permitida a visita de pais e/ou outros familiares ou amigos. Nessas visitas, pode coincidir da criança estar almoçando. Então o combinado com os pais é de que, caso queiram, podem oferecer a refeição à criança. Nesse sentido, a creche estimula a ocorrência de momentos prazerosos durante as refeições para as crianças. Quando isto não ocorre, nos casos em que alguns pais forcem a criança a comer, há uma interferência da creche com conversas explicando o porquê de não aceitarmos esse tipo de ação. Caso a família não concorde, ela pode vir normalmente fazer a visita diária, mas quem oferece o almoço é o educador.

ingestão, em função da estrutura física, histórico de vida e momento atual de saúde da criança, as quais devem ser respeitadas.

**Situação 7** – Interferência do novo espaço físico na aceitação dos alimentos:

*“... Nos dois primeiros dias ela ficou assim ... eufórica com a diferença né do local... aquele monte de brinquedos... Então eu vi que caiu um pouco a alimentação sabe... mas isso porque ela não parava... ela não queria parar prá mamar, prá comer... porque era tudo novidade... mas a partir do 3º dia já achei que estabilizou...”*

(Trecho extraído de entrevista com mãe da criança L, com 1 ano de idade, na 23ª semana de frequência à creche, 28.03.94).

Esse exemplo vem colaborar com a reflexão a respeito da situação anterior, ilustrando o quanto pode ser complexo o processo de aquisição de novos hábitos alimentares no que se refere às variáveis que podem interferir no apetite e/ou na aceitação dos alimentos, no momento da adaptação da família e da criança na creche, bem como as diferentes reações de cada criança diante das mesmas.

Além dessas situações, muitas outras podem ocorrer. Algumas permeadas por uma maior ou menor ansiedade por parte dos familiares, crianças e educadores; lembrando sempre que cada caso é um caso, cada família é uma família, cada educador é um educador e cada creche é uma creche, com suas especificidades e singularidades próprias. Cada um vivenciando mais ou menos intensamente cada uma das situações. O que parece ser mais comum durante esse processo é que, enquanto a família e creche não conseguem construir uma relação complementar, que possibilite, compartilhar as ações realizadas junto à criança, o alimento passa a servir como instrumento de disputa entre as duas instituições. Cada uma tenta demonstrar maior competência para alimentar a criança, ou melhor, para cuidar e educar a mesma.

Assim, os comportamentos da criança frente às refeições podem estar a serviço de outros desejos, tanto da família quanto dos educadores, tais como: de controle, de maior atenção etc. As observações feitas durante esse período revelam que, ao mesmo tempo, as famílias ficam aflitas quando a criança diminui a aceitação de algum alimento, sentem-se também inseguras quando ocorre o contrário. Por exemplo, quando, na creche, a criança passa a ingerir ou aceitar melhor determinados alimentos que não aceita em casa, o receio fantasioso de perder o amor do filho para a instituição se instala. Isso faz com que o alimento deixe de ser “mais do que matéria orgânica e inorgânica colocada no prato”, (MARCON-

DES & LIMA, 1980) para tornar-se mediador importante na relação creche e família.

Nesse contexto, o educador assume um papel importantíssima, pois ao mesmo tempo apresenta para a família uma figura de confiança e de ameaça. Assim as interações cotidianas entre educadores e membros da família tornam-se o grande palco que pode aproximar ou afastar as duas instituições.

## FORMAÇÃO DO EDUCADOR

Podemos perceber, a partir das considerações feitas sobre o papel do educador neste processo, que um trabalho de qualidade em instituições de cuidado e educação infantil, preocupado em promover a apropriação de bons hábitos alimentares pela criança, exige um investimento sério na formação de seus educadores. Essa formação, tanto inicial quanto continuada em serviço, enfrenta o grande desafio de criar oportunidades para que os educadores se conscientizem da importância de seu papel e do papel da instituição como um todo, no que se refere ao atendimento das crianças e respectivas famílias. Deve também oferecer um suporte teórico e metodológico, o qual instrumentalize os educadores para lidarem com as difíceis situações que surgem a todo momento. Faz-se necessária a criação de momentos específicos para reflexões e avaliações das ações realizadas, com a preocupação de acompanhar a construção das relações entre creche e família. Quanto mais essas ações forem compartilhadas, melhor será o desenvolvimento das crianças que frequentam a creche.

É importante salientarmos que um projeto desse tipo não pode ser planejado e executado isoladamente, sem envolver outras áreas de atuação ou outros projetos da creche. Como se pode deduzir, envolver as áreas de relação creche e família e a de formação continuada é imprescindível, porém não é suficiente. O planejamento das ações a serem realizadas junto às crianças e famílias precisam estar articuladas com a proposta psicopedagógica, com o funcionamento das diferentes rotinas, enfim com todo o programa da creche.

## ARTICULAÇÃO ENTRE AÇÕES DE CUIDADO E EDUCAÇÃO EM AMBIENTE COLETIVO – O DESAFIO DA ALIMENTAÇÃO

Embora tenhamos colocado ênfase no período de adaptação, é importante ressaltar que o

processo de aquisição de hábitos alimentares acontece durante todo o período em que a criança frequenta a instituição. Nesse sentido, o planejamento do trabalho, dentro de uma perspectiva educativa, envolverá necessariamente a articulação do comer com as atividades pedagógicas afins. Ou seja, as situações que envolvem alimento precisam criar também oportunidades para a construção de conhecimentos. Realizar essa tarefa, buscando articulá-la com uma estrutura de atendimento coletivo que ao mesmo tempo respeite as diferenças individuais, nem sempre é uma tarefa fácil.

As ações começam desde a confecção do cardápio, o qual é elaborado com base na média de idade das crianças, um para crianças de até 1 ano e outro para crianças maiores, até o planejamento das atividades a serem realizadas com cada turma de crianças, além de eventos envolvendo a participação das famílias.

Tentaremos contar algo sobre algumas ações que a Creche Carochinha vem desenvolvendo, lembrando que o resultado atual é fruto de um trabalho coletivo realizado por educadores e equipe técnica, o qual vem sendo avaliado, refeito e reavaliado anualmente, ao longo de seus 10 anos de funcionamento. Realização de um cardápio individualizado nos casos de alergia alimentar, acompanhamento de anemias, obesidade, baixo peso, entre outros.

### **Realização da semana da alimentação**

Inicialmente chamada de Feira de Alimentos, surgiu com a preocupação de incentivar a criança a conhecer e valorizar diferentes tipos de alimentos, bem como construir hábitos saudáveis no que se refere à alimentação. A primeira feira foi organizada em 1989, com o objetivo de proporcionar às crianças e educadoras oportunidades de confeccionarem juntas diferentes pratos e degustarem os novos preparos, especialmente aqueles de pouco conhecimento e de baixa aceitação. Mais tarde, a feira foi integrada ao Projeto Pedagógico da Etnia Brasileira, e a confecção dos pratos vinculou-se aos costumes das diferentes culturas de onde provêm. Assim, durante os três anos posteriores, foi desenvolvido junto às crianças de 3 a 7 anos um trabalho envolvendo pratos indígenas, portugueses, africanos. Neste ano, a vinculação foi com relação à cultura ribeirã pretana – município onde se localiza a creche, resgatando os hábitos alimentares dos imigrantes que para cá vieram.

Durante o desenvolvimento deste o projeto, através de um trabalho integrado com a pedagogia, é possível à criança conhecer diferentes culturas, apropriando-se não apenas dos hábitos

alimentares mas de outros aspectos, tais como: danças, jogos, lendas, entre outras coisas. Isso amplia o seu repertório e o contato com a diversidade, e permite a construção de uma visão mais diversificada do mundo e dos costumes e valores sociais, estimulando um maior respeito às diferenças.

Com relação à alimentação, especificamente, pudemos observar como resultado desse trabalho, uma ampliação da aceitação de uma maior variedade de alimentos.

### **Realização do trabalho de self-service com as crianças maiores de 3 anos**

Esse trabalho surgiu com o objetivo de ajudar a criança a tornar-se mais autônoma durante as refeições, tendo maior noção do que e do quanto comer, bem como reconhecer os diferentes sabores, cores e formas que compõem os diferentes pratos.

### **Trabalho com contadores de estória com as crianças na faixa etária de 2 a 7 anos**

Esse trabalho surgiu com o intuito de melhor articular o binômio cuidado-educação através de uma forma lúdica e prazerosa para as crianças e adultos. Através da linguagem dramática (faz-de-conta) propicia-se às crianças oportunidades para conhecerem a importância da alimentação, características e funções de diferentes alimentos. Para sua realização, o educador fantasia-se de determinado personagem e conta histórias para os diferentes grupos de crianças. Os temas e conteúdos variam em função das diferentes faixas etárias e também das diferentes necessidades de cada grupo.

### **Utilização de painéis, como por exemplo do “ajudante do dia”**

Nesta ocasião, a criança responsável pela ajuda fica encarregada de levar os pratos e/ou talheres para os colegas. O ato de servir faz com que a criança valorize o momento da refeição. Essa estratégia possibilita, além da construção do senso de responsabilidade e companheirismo, uma diminuição do tempo de espera no momento das refeições, facilitando e melhorando a qualidade das interações entre as crianças.

### **Organização do restaurante flor do campo**

Este trabalho visa oferecer às crianças maiores de 3 anos, oportunidades de vivenciarem práticas sociais relacionadas à alimentação, bem como ajudá-las a construir noções de desperdício. O trabalho consiste em organizar um restaurante (mesas, cadeiras, menus, as educadoras tornam-se garçonetes com distribuição prévia de

dinheiro de faz de conta). Cada criança utiliza o dinheiro para comprar uma ficha que lhe dá direito a uma refeição com repetição e outra que lhe dá direito à sobremesa. A quantidade em dinheiro é maior que o valor da refeição. Sendo assim, sempre sobra troco. Este troco serve para repetição da sobremesa ou para pagar o lixeiro (pessoa que cobra uma taxa para levar o resto-ingesta de alimento do prato). Isso faz com que a criança atente para o que e para a quantidade que escolhe comer.

### **Organização do café da manhã com a participação das famílias**

Essa estratégia surgiu a partir da constatação de que um grande número de famílias vem construindo o hábito de não se alimentar pela manhã. Essa prática vem se avolumando entre a população, especialmente nos grandes centros urbanos, onde o local de trabalho é bem distante da residência, com precárias condições de transporte. Isto faz com que, muitas vezes, as famílias saiam correndo pela manhã, sem dar a devida atenção à importância dessa refeição para um desenvolvimento em boas condições de saúde. Essa atividade costuma ocorrer na Creche Carochinha pelo menos uma vez por ano, por ocasião da programação da semana da primavera. Além de incentivar as famílias a construir esse hábito, as agradáveis interações entre crianças, pais e educadoras, nessas ocasiões, têm contribuído para melhorar a relação entre creche e famílias.

### **Vale quanto pesa**

Este trabalho vem sendo desenvolvido com quatro grupos de crianças de 3 a 7 anos e tem como objetivo reduzir o resto de comida e consequentemente a quantidade de lixo orgânico, bem como oferecer oportunidades para as crianças ampliarem o repertório alimentar. As atividades são realizadas semanalmente com os grupos de crianças durante o almoço. Após estas passarem pelo self-service e também ao término da refeição, o prato de cada criança é pesado. De acordo com as quantidades ingeridas, cada criança recebe cartões de diferentes cores (verde: mais de 90 gramas, amarelo: de 45 a 85 gramas e azul: menos de 45 gramas). As anotações são realizadas em quadros (um para cada turma), pelas crianças e adultos. Os quadros permanecem durante um

mês para que pais, crianças e funcionários acompanhem a ingestão. Os resultados apontam índices de redução de sobras, possibilitando às crianças levantarem diferentes hipóteses sobre noções de quantidade, numerais (por exemplo o zero). Esse trabalho tem possibilitado a observação de três grandes pontos:

1. observação coletiva dos diferentes grupos e de cada criança individualmente, diagnosticando melhor a aceitação. Sabemos que nos diferentes grupos sempre haverá diferenças individuais quanto à quantidade e variedade de alimentos.
2. observação da diminuição (considerável) do lixo orgânico.
3. observação da mudança de comportamento das crianças no que se refere a ter maior atenção na quantidade que vai colocar no prato.

Essas são algumas das atividades desenvolvidas pela creche. É importante dizer que o resultado das mesmas só tem sido possível em função do trabalho conjunto e interdisciplinar, no qual a contribuição de cada funcionário tem sido fundamental. A princípio pode parecer muito sofisticado para algumas realidades, nesse sentido é importante lembrarmos que o resultado dessas ações é fruto de um trabalho de 10 anos, durante os quais foram realizadas várias sistematizações e avaliações. Nossa aposta, contudo, é que a melhoria da qualidade de atendimento às crianças deve ser uma busca contínua. Cabe a cada instituição avaliar seu momento atual e ir definindo metas a curto, médio e longo prazo para que esse aperfeiçoamento aconteça. Seguramente não ocorrerá da mesma forma para cada uma. Nossa intenção, ao socializar a fundamentação teórica bem como as práticas aqui descritas, é contribuir para essa busca.

### **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos a todos os funcionários da Creche Carochinha, em especial aos educadores, pela colaboração; à Iara Mattos, Isa M. G. Jorge, Ana Mello e Telma Vitória, por suas contribuições e à FAPESP (Proc. 91/3584) e ao CNPq (Proc. 52 2350/94.1) por auxílios e bolsas.

**Abstract:** This paper discusses various issues concerning the work developed by early child care institutions in order to foster and deal with the children's acquisition of feeding habits, both when the infant starts day-care, and during his/her later development in it. The cooperation between the crèche staff and the family is emphasized as the main axis on which the success of this work relies. Feeding is proposed as a social and symbolic construction. This, each family has its own peculiar choice of foods and of ways of preparing and giving them to their children. On the other hand, there are some guidelines concerning what is a well-balanced diet for children at various ages which are able to promote their healthy development. Furthermore, in the collective context of a crèche, the educare<sup>10</sup> must coordinate a personal attention to individual needs with the group requirements and routines. This presentation is based on the 10 years' accumulated experience of the educare and technicians of "Creche Carochinha", a crèche which attends children whose parents work or study at University of São Paulo - Campus of Ribeirão Preto, and on a research developed by CINDEDI (Brazilian Research Center on Early Child Care and Education) on "The adaptation processes of babies, families and educare during their first months at the crèche". Some principles which guide our work in this area are presented, emphasizing the importance of considering the child as an active subject whose autonomy should be respected and enhanced during the learning process. Some guidelines concerning the organization of the menu are discussed together with some details about special procedures and milestones to be considered when new foods and habits are introduced, specially when those changes coincide with the child's and the family's integration in the crèche. Some individual cases and specific procedures are presented. The educare's previous and continuous training is discussed and highlighted as one of the most relevant issues when quality of care is to be achieved.

**Key-words:** child feeding in crèches, development of feeding habits, feeding programs in crèches.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GOMES, I. C. D.; PROENÇA, M. G.; LIMONGI, S. C. Avaliação e terapia da motricidade oral. In: GOMES, I. C. D. et al. *Temas de fonoaudiologia* São Paulo, Edições Loyola, 1991.
- MARCONDES, E.; LIMA, I. N. *Dietas em pediatria clínica*. São Paulo, Sarvier, 1980. (Monografias Médicas - Série Pediatria, 13).
- MITCHELL, H. S.; RYNBERGEN, L.; DIBBLE, M. V. *Nutrição*. São Paulo, Interamericana, 1978.
- OLIVEIRA, Z. M. R.; MELLO, A. M.; VITÓRIA, T.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. *Creches: crianças, faz-de-conta & cia*. Petrópolis, Vozes, 1992.
- ROSSETTI-FERREIRA, M. C. O apego e as reações da criança à separação da mãe: uma revisão bibliográfica. *Cad Pesq.* 48: 3-19, 1984.
- ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; CAMPOS DE CARVALHO, M. I.; RUBIANO, M. R. B.; OLIVEIRA, Z. M. R. *A construção de uma proposta pedagógica para creches: uma trajetória de pesquisa em psicologia do desenvolvimento*. Paidéia, 1: 9-16, 1991.
- ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. S.; VITÓRIA, T. A creche enquanto contexto possível de desenvolvimento. *Rev. Bras. Cresc. Desenv. Hum.*, 4 (2): 35-40, 1994.
- VITÓRIA, T.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. Processos de adaptação na creche. *Cad Pesq.*, 86: 55-64, 1993.
- WOISKI, J. R. *Nutrição e dietética em Pediatria*. Rio de Janeiro, Atheneu, 1988.

Recebido em: 20/11/96  
Aprovado em: 28/12/96

10 Educare is being used to designate the staff who cares for and educates infants and toddlers in child care institutions.